

DUPLOS E ALUCINAÇÕES

Vinicius Lucas de Souza (UNESP – Araraquara)¹

Resumo: O objetivo do presente texto é analisar o filme *Viagens alucinantes*, focando no motivo do duplo, presente tanto na relação entre o doutor e suas outras configurações corpóreas — o hominídeo e o ser amorfo — quanto na experiência científica conduzida por ele — que requer o uso de uma droga e a inserção num tanque de privação sensorial para a efetiva transformação — e como o filme dialoga e relê o romance *O médico e o monstro*. Tal diálogo é possível de se visualizar, por exemplo, no próprio nome de Edward Jessup, ecoando o prenome de Edward Hyde e o sobrenome de Henry Jekyll; nas alterações corporais do protagonista e na semelhança das pesquisas dos dois cientistas, que esbarram em questões transcendentais.

Palavras-chave: *O médico e o monstro*; *Viagens alucinantes*; Duplo

Introdução

Ao se considerar o romance *O médico e o monstro* (1886), de Robert Louis Stevenson, essa narrativa está entre as muitas obras literárias que se dedicaram à abordagem do motivo do duplo (*Doppelgänger*), tropo que tenciona relações entre o eu e o outro, o original e a cópia, o verdadeiro e o falso. No romance de Stevenson, o Dr. Henry Jekyll, um cientista renomado, por meio de uma substância química fruto de seu experimento de Medicina Transcendental, altera sua corporeidade, transformando-se no infame e repulsivo Mr. Edward Hyde, dando vazão, assim, aos prazeres e paixões proibidos à faceta respeitável do doutor.

Se passarmos ao campo do Cinema, inúmeras releituras do romance em questão foram e são realizadas ao longo dos anos. Numa dessas releituras, *Viagens alucinantes* (*Altered States*, 1980), dirigido por Ken Russell e roteiro de Paddy Chayefsky, o foco da pesquisa do Dr. Edward Jessup é tentar encontrar o “eu original”, que, segundo o pesquisador, contém a imortalidade e a verdade absoluta. Logo, ao combinar tanques de privação sensorial — o primeiro passo de sua pesquisa — com uma droga alucinógena empregada em rituais de uma tribo do México, o cientista consegue ultrapassar as alucinações que a privação sensorial fornece, externalizando seu estado de consciência entorpecido ao próprio corpo e, conseqüentemente, dotando temporariamente sua própria estrutura óssea de características simiescas e inclusive mutando seu corpo com as experiências posteriores.

¹ Graduado em Letras (Português/Inglês/Alemão) pela UNESP – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (2015) e doutorando em Estudos Literários pela mesma universidade. Contato: viniciuslucassouza@gmail.com.

O objetivo do presente texto, portanto, é analisar *Viagens alucinantes*, focando no motivo do duplo, presente tanto na relação entre o doutor e suas outras configurações corpóreas quanto na experiência científica conduzida por ele — que requer o uso da droga e a inserção no tanque de privação sensorial para a efetiva transformação — e como o filme dialoga e relê o romance *O médico e o monstro*.

Duplos e alucinações

A primeira cena de *Viagens alucinantes*, o protagonista dentro de um tanque de privação sensorial, apresenta-nos um dos elementos centrais da pesquisa do Dr. Edward Jessup, um cientista cuja pesquisa foca nos efeitos possíveis dessas experiências de privação sensorial e o papel da alucinação.



Figura 1: O tanque de privação sensorial. Cena de *Viagens alucinantes*.

Traçando o paralelo com o romance *O médico e o monstro*, as semelhanças iniciam-se já na questão do nome, uma vez comparados o nome de Edward Jessup, o personagem fílmico, e o prenome de Edward Hyde bem como o sobrenome de Henry Jekyll (atente-se aqui ao uso duplo das letras *l* e *s*).

Planejando uma visita a uma tribo do México, o cientista define seu objetivo: encontrar o seu “eu original”, que segundo ele contém a imortalidade e a verdade

absoluta, logo enovelando sua pesquisa com o campo transcendental, caminho muito semelhante ao de Jekyll, que afirma ter perscrutado — afirmado também por Hyde — a Medicina Transcendental a fim de realizar sua meta:

— Então muito bem — disse meu visitante. — Lanyon, lembre-se do seu juramento: o que vai acontecer agora está protegido pelo segredo de nossa profissão. E agora, você, que sempre foi apegado a uma visão do tipo mais estreito e materialista, você que negava as virtudes da medicina transcendental, você que sempre zombou dos que lhe eram superiores... contemple!

[...] E quis a sorte que o rumo dos meus estudos científicos, dirigidos para tudo que é místico e transcendental, acabasse lançando uma poderosa luz nesta minha consciência sobre a eterna guerra entre os elementos que me compõem. (STEVENSON, 2011, p.82-83; 86)

Além disso, a questão da imortalidade já é pontuada pelo próprio pesquisador muito antes da vinda do seu(s) outro(s); como afirma Otto Rank:

[...] o narcisismo primitivo, sentindo-se ameaçado pela inevitável anulação do Eu, criou como primeira representação da alma uma imagem o mais idêntica possível ao Eu corpóreo, portanto, um verdadeiro duplo. Assim, a ideia da morte é desmentida através de uma duplicação do Eu que se corporifica na sombra ou no reflexo.

[...] o duplo personificado no amor-próprio narcisista torna-se rival no amor sexual; ou, ainda, tendo sido criado originalmente como uma defesa contra o desejo da temida destruição eterna, reaparece na superstição como um mensageiro da morte. (2013, p.138; 142)

Uma vez tendo acesso à droga da tribo — utilizada pelos nativos num ritual Ayahuasca —, Jessup combina a substância alucinógena com o tanque, experimentando uma alucinação mais forte do que as vezes quando usados esses dois elementos sozinhos: segundo seu relato enquanto no tanque, na alucinação se vê como um homínídeo, caçando uma cabra. Logo, a duplicidade já se instala nos passos da experiência — a droga e o tanque —, necessários para que o estado alucinante seja desencadeado e, conseqüentemente, que ele se estenda ao corpo do protagonista, fazendo com que adquira traços simiescos em seu trato vocal. Além disso, após esse incidente, algumas outras partes de seu corpo — os pés e a sobancelha — começam a se alterar.



Figura 2: **Os traços da transformação.** Cenas de *Viagens alucinantes*.

Intrigado e ignorando os riscos e a ética ao se submeter novamente ao processo, a segunda vez do cientista potencializa os efeitos anteriores, promovendo sua transformação completa num hominídeo e evocando a ancestralidade animalesca da humanidade. Em termos mais psicanalíticos, o “[...] reprimido que *retorna*” (FREUD, 1996, p.258, grifo do autor), o estranho freudiano (*Unheimliche*), “[...] aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (id., p.238). O que foi relegado ao passado, às sombras da história, vem à luz do presente e o duplo subverte a humanidade de Jessup. A monstruosidade ultrapassa as ilusões e se alastra pelo corpo do humano, forçando-o a regredir no processo evolutivo.



Figura 3: **O hominídeo.** Cena de *Viagens alucinantes*.

Ainda nesse ponto, vemos aqui outro ponto de contato com a narrativa stevensoniana, uma vez destacada algumas das descrições de Hyde, desenhando-o com traços simianos:

[...] e nesse instante Mr. Hyde perdeu totalmente o controle e o agrediu com a bengala, derrubando-o. No momento seguinte, *com a fúria de um gorila*, estava pisoteando o homem caído [...].

Se as primeiras agonias da transformação me acometerem enquanto ainda escrevo, Hyde reduzirá este documento a farrapos; mas se decorrer algum tempo depois que eu o colocar em lugar seguro, seu imenso egocentrismo e sua atenção aos problemas mais imediatos poderão salvar estas linhas do *seu rancor simiesco*. (STEVENSON, 2011, p.40; 105, grifo nosso)

Escapando de cachorros de rua, invadindo um zoológico e matando um dos animais do lugar, outra transformação se dá e o protagonista volta a ser humano. Maravilhado com sua mutação, o doutor não consegue evitar a tentação e repete o processo, ingerindo a droga e entrando no tanque de privação sensorial. No clímax do filme, mais uma alteração ocorre na carne do cientista, agora com resultados extremamente drásticos: além de liberar uma gama de energia muito alta, destruir o tanque e provocar um vórtice de água no laboratório, a terceira transformação impõe-lhe uma aparência amorfa, trazendo mais uma configuração corporal a Jessup e um outro ser nos jogos duplos de sua pesquisa, ou seja, evocando uma terceira máscara à sua duplicidade, uma máscara deformada que também evoca uma das descrições de Hyde no relato assinado por Jekyll:

[...] ele pensava em Hyde, apesar de toda a energia vital que o animava, como algo não apenas infernal mas *inorgânico*. Este era o aspecto mais chocante: que *o lodo do fundo de um poço* pudesse emitir gritos e palavras; que *a poeira amorfa* pudesse agir e pecar; que *aquilo que não possuía vida nem forma* pudesse usurpar as funções da vida. (id., p.103, grifo nosso)



Figura 4: **O ser amorfo.** Cena de *Viagens alucinantes*.

Com isso, esse último experimento do cientista assinala a severa mutabilidade à qual sua corporeidade foi submetida, garantindo-lhe uma flexibilidade corporal que rememora o que Jean Baudrillard nomeia como criança-prótese: “[...] embrião de todas as formas sonhadas de mutação [...]” (2004, p.29), bem como afastando-o gradativamente do entedimento de humano e o aproximando mais e mais do monstro, já que “Os monstros têm que ser tudo o que o humano não é [...]” (HALBERSTAM, 1995, p.22)².

Em sua busca pelo absoluto, por seu “eu original”, Jessup se desvia da ideia de uma unidade primeva, esbarrando em outros eus, outras máscaras — o hominídeo e o amorfo — que se somam à sua personalidade, compondo um leque mutante identitário, que vai além do duplo como também corrobora o desfecho fílmico: tendo voltado à humanidade graças à esposa e já em sua casa, o doutor tem *flashes* da última transformação e a massa amorfa volta a se manifestar. Ao resistir, ele acaba tocando sua esposa, contaminando-a com sua monstruosidade e, por extensão, replicando-se na mulher e rompendo a barreira do sexo, o que mais uma vez evoca a criança-prótese, quando Baudrillard comenta figuras da cultura popular, Michael Jackson, Ciccilina,

² No original: “The monster always represents the disruption of categories, the destruction of boundaries, and the presence of impurities [...]”. Essa citação foi traduzida do inglês pelo autor do presente texto.

Madonna, Andy Warhol: “São todos mutantes, travestis, seres geneticamente barrocos, cujo visual erótico esconde a indeterminação genética. Todos são *gender-benders*, trânsfugas do sexo” (2004, p.28).



Figura 5: **A contaminação.** Cenas de *Viagens alucinantes*.

A duplicidade em *Viagens alucinantes*, portanto, viraliza-se, duplica-se e se redobra, transpondo o signo do dois e apontando à replicação, à multiplicação. Desse modo, ao reler *O médico e o monstro*, o filme também alinha-se ao que é exposto no último capítulo do romance, “Outros me seguirão, outros irão me ultrapassar nesse caminho; e eu arrisco a suposição de que o homem acabará sendo reconhecido como uma assembleia de inquilinos múltiplos, incongruentes e autônomos” (STEVENSON, 2011, p.86), espelhando a fala do endemoniado geraseno no evangelho de Marcos: “Legião é o meu nome, porque somos muitos” (Marcos, 5, 9).

Referências

ALTERED STATES. Direção de Ken Russell. Produção de Howard Gottfried e Daniel Melnick. Escrito por Paddy Chayefsky. Intérpretes: William Hurt, Blair Brown, Bob Balaban, Charles Haid. Califórnia: Warner Bros., 1980. 103 minutos.

BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal: ensaios sobre os fenômenos extremos*. 8. ed. Campinas: Papyrus, 2004.

A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1981.

HALBERSTAM, Judith. *Skin Shows: Gothic Horror and the Technology of Monsters*. Durham; London: Duke University Press, 1995.

RANK, Otto. *O duplo: um estudo psicanalítico*. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

STEVENSON, Robert Louis. *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*. São Paulo: Hedra, 2011.